

## Tradução do discurso *Contra os Sofistas* de Isócrates

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda\*

### Breve introdução e notas sobre a tradução

Após uma possível e breve atuação como logógrafo, i.e., como escritor de discursos judiciais, dos quais seis são preservados em seu *corpus*, o ateniense Isócrates (436 a.C. – 338 a.C.) compõe o discurso *Contra os Sofistas*, dando início a sua carreira como professor de oratória política, por meio de discursos predominantemente modelares e epidítico-demonstrativos. O próprio autor nos informa a respeito desse momento de sua vida (cf. *Antídose* 193), e todos os seus editores e comentaristas estimam que o discurso tenha sido publicado entre os anos de 391 e 390 a.C. A partir de então, no ambiente da *pólis* democrática da segunda metade do Período Clássico, Isócrates inaugura uma das escolas mais conhecidas do Mundo Antigo, propagando sua *paideia* até o fim de sua vida, numa espécie de “formação superior” para que jovens atenienses pudessem aprender a bem discursar em público, sobretudo no contexto político da Atenas do século IV a.C. Essa *paideia* isocrática servirá não apenas como modelo técnico para boa parte de toda a tradição retórica posterior, mas também como paradigma de ensino ético e formal para a educação humanística, desde até Antiguidade até pelo menos o século XVIII de nossa era (cf. ROSA, 1984, p. 1-8).

Antes de propor, porém, sua educação através dos discursos políticos (cf. *Antídose* 180), o que se dará ao longo das próximas décadas através de seus demais discursos, o autor necessita decisivamente rejeitar outras propostas educacionais e métodos de ensino, sejam elas de séculos anteriores ou de seu tempo. A recusa a esses diversos modelos propedêuticos será uma marca preponderante presente em toda a sua obra, aquilo que mais especificamente chamamos de “criticismo isocrático” perante os sofistas.

Não por acaso, o discurso propriamente intitulado como *Contra os Sofistas* é o marco que inaugura sua *paideia* e sua atuação como educador, configurando-se como uma espécie de “manifesto panfletário” (cf. KENNEDY, 1994, p. 143-9) para que os jovens buscassem com ele estudar. O discurso é breve (22 seções), dotado de uma linguagem invectiva, ainda sem o mesmo refinamento estilístico que o consagrou em discursos como o *Panegírico*, o *Antídose* ou o *Panatenaico*, mas, como convém ao vitupério, censurando certas práticas sofísticas do Período Clássico.

O discurso *Contra os Sofistas* se subdivide em três partes principais. Em primeiro lugar, Isócrates tece suas críticas aos sofistas erísticos (§1-8), i.e., professores de argumentação dialética em vista unicamente da vitória em um debate. O autor alega que o que prometem é mentiroso, hiperbólico e imoral, pois pretensamente ensinam aos discípulos saberes grandiosos, como a previsão do futuro, a felicidade e a justiça, ao mesmo tempo em que não se envergonham de cobrar ínfimos valores por tais

---

\*Professor de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Letras da UFRJ. Mestre e Doutor em Letras Clássicas pela USP.

ensinamentos. Esses sofistas “estranhamente” não confiam em seus alunos (ironia isocrática), apesar de supostamente ensinarem virtudes morais tão elevadas. Segundo Isócrates, portanto, não passam de impostores, pois suas palavras não são mais que “tagarelice e conversa fiada” (ἀδολεσχία καὶ μικρολογία - §8).

Na segunda parte (§9-13), o autor se volta para a censura dos sofistas que ensinam discursos políticos. Se antes a crítica aos erísticos apelava para questões morais, a essa segunda classe a crítica se volta sobretudo para aspectos técnicos discursivos, visto que eles não sabem diferenciar a arte oratória da gramática (ou, das “letras”). Enquanto esta é fixa e baseada em regras relativamente atemporais, aquela é fluida, de movimento constante em seu uso e sempre inovadora. É por essa razão que, no caso dos discursos, não há precisamente regras estanques de composição tal como se fossem normas gramaticais. Assim, o orador é aquele que, antes de tudo, deve ser um inovador no uso das palavras, e, por conseguinte, na construção de seus argumentos e discursos. Exemplo claro disso é a réplica de Isócrates a Górgias, compondo uma nova versão do famoso *Elogio de Helena* do sofista de Leontine. Nesse sentido, tais sofistas desconsideram justamente os pré-requisitos básicos necessários a um futuro orador, a respeito dos quais Isócrates melhor discorrerá na sequência.

Por fim, na terceira parte (§14-22), a *paideia* isocrática passa a ser um pouco melhor exposta. Para que o jovem se torne um bom orador, são imprescindíveis três condições fundamentais: natureza (ou, talento), conhecimento (ou, educação) e experiência (ou, prática). I.e., assim como em qualquer outra τέχνη, o discípulo deve já possuir, antes de tudo, o talento natural, o dom oratório (φύσις); em seguida, deve aprender com seu professor o conhecimento teórico da disciplina (παίδευσις); por fim, deve exercitar e praticar o conhecimento adquirido (ἐμπειρία). Além desse trinômio, Isócrates também aponta para um debate que será melhor explorado em seus demais discursos a partir do *Contra os Sofistas*, aquele a respeito da dicotomia entre o uso da δόξα (“opinião”) versus a possibilidade de aquisição de ἐπιστήμη (“conhecimento”). Algumas notas de rodapé ao longo da tradução fornecem um melhor aprofundamento a respeito do assunto.

No mais, vale ressaltar que também traduzi o argumento (ὑποθέσις) do gramático anônimo (sem data), que antecede o texto do discurso *Contra os Sofistas* propriamente dito, preservado por parte de seus manuscritos e editado por Mathieu & Brémond (*Les Belles Lettres*, 1929). Tais anotações também servem, evidentemente, como uma excelente introdução para o discurso, abordando questões históricas, hermenêuticas e filológicas a respeito tanto de Isócrates como do termo σοφιστής (sofista), além de um curioso debate acerca da natureza do gênero discursivo do *Contra os Sofistas*.

Para a tradução, foi utilizada a edição de Engelbert Drerup (1906), aquela que nos oferece o melhor aparato crítico dentre as edições modernas do discurso. Apesar de Isócrates ser dono de uma eloquência reconhecidamente refinada e elevada, por vezes até mesmo empolada, no discurso *Contra os Sofistas* o autor não apresenta decisivamente suas virtudes estilísticas, aspectos que serão de fato melhor apresentados em seus futuros discursos encomiásticos (*Panegírico*, *Elogio de Helena*, *Busíris*, *Panatenaico*, dentre outros). Como se trata de um discurso breve, invectivo e de tom panfletário, semelhante a um “manifesto”, sua linguagem é relativamente simples, ousada e direta. Por essas razões, busquei, na maior parte do texto de tradução, transpor ao português essas mesmas características, para que, por fim, tivéssemos de algum modo o efeito que Isócrates provavelmente buscava com a publicação do discurso *Contra os Sofistas*.

## Tradução

### Argumento de um gramático anônimo

*O presente discurso é um dos mais técnicos escritos por Isócrates, se é que há outro, já que nele o autor delimitou quase toda a retórica. Ele nos ensina aqui como devem ser o discípulo e o professor, e divide o discurso em duas partes: a primeira sobre a filosofia erística e a segunda sobre a virtude política, i.e., a retórica. Queria convencer aqueles que examinam mal ambas as coisas; logo, trata primeiro a respeito dos erísticos e, depois, dos políticos. E distingue ambos em duas categorias: uns prometem ensinar, porém nada sabem; outros escreveram Artes Retóricas, sendo estes igualmente ignorantes.*

*Certos críticos buscaram compreender por que motivo o autor nesse discurso chega a atacar tão diretamente esses indivíduos. Alguns deles alegaram que o referido motivo era o fato de Aristóteles tê-lo ultrajado, pois Isócrates teria tomado um discípulo seu chamado Teodete. Não é difícil compreender que esse motivo é esdrúxulo, visto que o autor compõe o discurso não somente contra os filósofos, mas também contra os oradores.*

*Não sendo por isso, o verdadeiro motivo foi porque Isócrates via, na época desse discurso, que muitos se lançavam a essas Artes irrefletidamente e prometiam ensinar o que não sabiam, dissimulando a verdade. Por essa razão intitulou o discurso Contra os Sofistas, não apenas contra quem atuava de fato como sofista, mas também contra todos aqueles que dissimulavam a verdade.*

*O termo, pois, possui três acepções distintas entre os antigos: (i) a primeira delas é sinônimo de “sábio”, sentido nobre e genuíno. Trata-se exatamente daquilo que Platão denomina como “filósofo” por excelência, sujeito que ama o saber nobre e genuíno. Por isso o homem que participa da filosofia retira daqui seu nome, pois imita o deus como pode. (ii) Ao mesmo tempo, denomina-se também como “sofista” um rétor, i.e., aquele que ensina discursos retóricos. (iii) Por fim, é também sofista o indivíduo que dissimula a verdade, a respeito do qual Isócrates justamente discorre.*

*Outros críticos, por sua vez, buscaram compreender por que esse discurso, apesar de ser classificado como um de seus quatro encômios<sup>1</sup>, é intitulado Contra os Sofistas, o que o configura como uma invectiva, visto que, mais do que falar em favor de alguém, o que seria próprio de um encômio, fala contra certos indivíduos. De nossa parte, digamos que, se alguém investigar por que uma invectiva e um encômio podem ambos ser parte de um mesmo gênero, o panegírico, descobrirá o motivo: o parentesco entre o encômio e a invectiva se dá por serem ambos divididos nas mesmas partes estruturais, e isso fez a crítica denominar a invectiva como um “encômio por antífrase”. Por fim, se alguém nos indagasse: “Por que o discurso não é do gênero judiciário, já que o autor se vale do vitupério?”, nós responderíamos: “Porque ele não foi proferido no tribunal, nem a pena foi determinada.”.*

## Contra os Sofistas

**1.** Se todos aqueles que tentam educar quisessem dizer a verdade, ao invés de fazer maiores promessas do que as que podem cumprir, não seriam difamados pelos cidadãos comuns. Ao contrário, aqueles que têm a imensa ousadia de se vangloriar disso

---

<sup>1</sup> Os outros três encômios, a que o gramático provavelmente se refere, seriam: (9) *Evágoras*, (10) *Elogio de Helena* e (11) *Busíris*, segundo a consolidada numeração dos discursos de Isócrates realizada pelo segundo editor do *corpus isocraticum* (WOLF, 1580). O *Contra os Sofistas* é o discurso 13.

irrefletidamente, fizeram com que parecessem melhor deliberar os que preferem ser indolentes do que aqueles que se dedicam à filosofia<sup>2</sup>.

Ora, primeiramente, quem não odiaria e ao mesmo tempo desprezaria, os que se dedicam à erística<sup>3</sup>, os quais fingem buscar a verdade, mas, já no início dos seus ensinamentos, intentam dizer mentiras? **2.** Pois creio ser a todos evidente que não é próprio da natureza humana saber de antemão a respeito do futuro, mas estamos de tal modo privados dessa capacidade de conhecimento, que Homero, o sábio de maior reputação, fez com que até mesmo os deuses deliberassem sobre os eventos vindouros<sup>4</sup>, ainda que não conhecesse o pensamento deles, mas querendo nos demonstrar que isso é impossível aos homens<sup>5</sup>. **3.** De fato, esses homens chegaram a tamanha ousadia a ponto de tentar persuadir os mais jovens de que, se com eles conviverem, saberão fazer aquilo que é devido e se tornarão venturosos por meio desse conhecimento<sup>6</sup>. Além disso, ainda que se portem como professores e autoridades de dons tão preciosos, não se envergonham de cobrar três ou quatro *minas* por isso<sup>7</sup>! **4.** Todavia, se eles vendessem qualquer outro bem<sup>8</sup> por um preço muito inferior a seu valor, não discordariam de que não estariam em seu juízo perfeito; por outro lado, apesar de estimarem tão pouco toda a virtude e felicidade, consideram-se dignos, como se fossem inteligentes<sup>9</sup>, de se tornarem professores dos outros. Ademais, afirmam que não precisam de dinheiro, embora chamem de riqueza uma pequena soma de prata ou de ouro; no entanto, aspirando a um pequeno lucro, só não prometem tornar seus alunos<sup>10</sup> imortais. **5.** E o mais ridículo de tudo isso é que, de quem é preciso receber um pagamento, aos quais pretendem

---

<sup>2</sup> O termo é fundamental para a compreensão e definição do pensamento isocrático, sobretudo por conta de sua rivalidade com Platão, na disputa que ambos travaram pelo termo. Traduções mais obsoletas dos discursos de Isócrates, seguindo um viés notavelmente platônico, vertem o termo φιλοσοφία, por vezes, em “retórica” (NORLIN, 1929). Sempre que o termo ocorre no autor, porém, não devemos ter em mente nem a ῥητορικὴ (provavelmente) cunhada por Platão em seu diálogo *Górgias* 448d9 (SCHIAPPA, 1990), nem aquela filosofia entendida como método de conhecimento que nos foi legada pela tradição platônico-aristotélica, mas genericamente como “conhecimento”, “cultura”, “estudo”, “intelectualidade”, ou, mais especificamente, como “educação pelos discursos”. Cf. ISÓCRATES, *Antídose* 167-214.

<sup>3</sup> I. e., às disputas verbais dialógicas. Referência à primeira classe de sofistas criticada pelo autor, os erísticos, homens afeitos a discussões em vista da refutação do interlocutor e, por conseguinte, da vitória em um debate. Em Isócrates, os erísticos em nada se diferenciam dos dialéticos (Cf. *Antídose* 84, 266 e 271 e TOO, 2008, p. 219-20). Platão discute diversos tipos de erísticos em seu diálogo *Sofista* 225a-226e, e dedica o *Eutidemo* a uma sátira da pretensa “sabedoria erística” das personagens Eutidemo e Dionisodoro. Cf. MIRHADY & TOO, 2000, p. 62. Tais erísticos podem provavelmente ser Antístenes, Euclides e aqueles da escola de Mégara, aludida também no próêmio do *Elogio de Helena* do próprio Isócrates. Cf. JEBB, 1876, p. 130-1.

<sup>4</sup> HOMERO, *Ilíada*, XVI, 431ss. e 652ss; XXII, 168ss.

<sup>5</sup> O argumento aqui presente é o de que, se nem mesmo os próprios deuses possuem o conhecimento sobre o futuro, uma vez que, segundo Homero, eles precisam deliberar a seu respeito, muito mais distante, portanto, estão os homens de adquirir esse conhecimento. Aristóteles também faz uso desse argumento na *Retórica* (1397b12-3), quando elenca o quarto lugar-comum dos entimemas demonstrativos: ἄλλος ἐκ τοῦ μᾶλλον καὶ ἧττον, οἷον “εἰ μὴδ' οἱ θεοὶ πάντα ἴσασι, σχολῆ οἱ γὰρ ἄνθρωποι” (“Outro lugar-comum é o do ‘mais e menos’: por exemplo, ‘se nem mesmo os deuses sabem tudo, menos ainda os homens’”). – Todas as traduções de autores gregos nas notas são de minha própria autoria.

<sup>6</sup> Possível alusão a filósofos socráticos. Cf. JEBB, 1876, p. 131.

<sup>7</sup> Uma *mina*, moeda então corrente, valia cem dracmas. Cf. FLACELIÈRE, 1961, p. 82. A crítica isocrática neste passo reside numa espécie de paradoxo por parte dos erísticos, i.e., eles então cobrariam um valor muito baixo para ensinar um conhecimento supostamente muito valioso.

<sup>8</sup> O termo κτήμα não designa somente um objeto material (i.e., uma posse, uma riqueza), mas também uma aquisição de ordem intelectual. Cf. TUCÍDIDES, I, 22, 4 e FLACELIÈRE, 1961, p. 83.

<sup>9</sup> O termo νοῦς pode possuir diversos significados desde Homero, como “mente”, “alma”, “coração”, “prudência”, “inteligência”. A crítica presente nessa passagem é a de que, segundo Isócrates, eles de fato não possuem inteligência para dotar seus alunos de tamanha capacidade.

<sup>10</sup> O particípio συνόντες designa, mais especificamente, “aqueles que convivem e estão juntos”.

transmitir a justiça, não lhes dão crédito, enquanto de quem jamais foram professores, exigem as mesmas quantias cobradas de seus discípulos, aconselhando-os em benefício de sua segurança, porém agindo contrariamente àquilo que ensinam. **6.** Ora, àqueles que ensinam qualquer outra disciplina, convém pormenorizar a respeito daquilo que está em debate, pois nada impede quem é prodigioso em outras disciplinas de ser desonesto em seus contratos. No entanto, como não seria ilógico que quem produz a virtude e a temperança não confie, sobretudo, em seus discípulos<sup>11</sup>? Pois, sendo eles realmente bons, nobres e justos para com os demais, não enganarão de modo algum os indivíduos em razão dos quais se tornaram exatamente o que são.

**7.** Portanto, quando homens comuns, após terem refletido sobre todas essas questões, observam que aqueles que ensinam a sabedoria e transmitem a felicidade carecem de muitas coisas e cobram de seus discípulos uma pequena quantia em dinheiro, e que buscam contradições nos discursos, mas descuidam delas nas ações; e, ainda, **8.** que pretendem saber sobre o futuro, mas acerca do presente não são capazes de dizer nem aconselhar o que é preciso fazer; e que são mais coerentes e mais corretos os que fazem uso das opiniões do que aqueles que apregoam deter o conhecimento<sup>12</sup>; naturalmente, penso eu, eles desprezam e consideram que ocupações desse tipo são tagarelice e conversa fiada, e não zelo com a alma.

**9.** Não somente esses, mas também os que prometem ensinar discursos políticos<sup>13</sup> merecem ser censurados, pois também não têm compromisso algum com a verdade. Acreditam que sua arte consiste em agregar o maior número de pessoas possível e delas conseguir receber algum lucro, mediante ínfima remuneração e grandiosos ensinamentos. Comportam-se de maneira tão estúpida, pensando que os demais também o fazem, que, embora escrevam discursos piores do que aqueles improvisados por leigos no assunto, prometem mesmo assim tornar seus alunos oradores tais como eles, de modo que nenhuma possibilidade lhes escape nos casos em questão. **10.** E, dessa capacidade, nenhum mérito atribuem às experiências nem ao talento do discípulo<sup>14</sup>, mas dizem ser capazes de transmitir o conhecimento dos

---

<sup>11</sup> O mesmo tópico é retomado por Platão no diálogo *Górgias* 519c-d e 460e.

<sup>12</sup> O debate sobre o uso da δόξα (“opinião”) versus a aquisição de ἐπιστήμη (“conhecimento”) é certamente um dos pontos centrais de divergência entre Platão e Isócrates. Para o primeiro a δόξα está no âmbito da aparência, sem valor real epistêmico (ἐπιστήμη). Cf. Platão, *Fedro* 248b-c e 262c. Para o segundo, ao contrário, a moral e a política estão confinadas tão somente ao âmbito da “opinião” – δόξα –, na medida em que não há possibilidade de aquisição de conhecimento relativo ao domínio das ações práticas e, sobretudo, políticas. Segundo Isócrates, é muito mais importante saber opinar nos assuntos de real e importante valor do que adquirir um determinado conhecimento que não possui utilidade alguma. Cf. Isócrates, *Elogio de Helena* 5, *Panegírico* 184 e 262 e *Para Felipe* 9, além do parágrafo 21 deste mesmo *Contra os Sofistas*. Numa das passagens mais célebres de sua obra, o autor deixa clara a sua posição relativa ao debate: Ἀπλῶς δὲ πως τυγχάνω γινώσκων περὶ αὐτῶν. Ἐπειδὴ γὰρ οὐκ ἔνεστιν ἐν τῇ φύσει τῇ τῶν ἀνθρώπων ἐπιστήμην λαβεῖν, ἢν ἔχοντες ἂν εἰδεῖμεν ὅ τι πρακτέον ἢ λεκτέον ἐστὶν, ἐκ τῶν λοιπῶν σοφοὺς μὲν νομίζω τοὺς ταῖς δόξαις ἐπιτυγχάνειν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ τοῦ βελτίστου δυναμένου, φιλοσόφους δὲ τοὺς ἐν τούτοις διατρίβοντας, ἐξ ὧν τάχιστα λήψονται τὴν τοιαύτην φρόνησιν. (Isócrates, *Antídose* 271; grifos nossos). “Minha opinião a esse respeito é muito simples. Uma vez que não é possível à natureza humana adquirir o **conhecimento** por meio do qual saberíamos o que se deve fazer ou dizer, só me resta considerar sábios, por um lado, aqueles homens que são capazes de, através de **opiniões**, descobrir na maior parte dos casos aquilo que é melhor, e filósofos, por outro lado, aqueles que se ocupam com aquilo por meio do que adquirirão tal tipo de inteligência o mais rápido possível.”

<sup>13</sup> A partir desse parágrafo, Isócrates passa a criticar uma segunda classe de sofistas, a dos professores de oratória deliberativa (πολιτικούς λόγους). A menção a esses sofistas aparece também em outros discursos, como o *Para Nícocles* 51 e o *Antídose* 260.

<sup>14</sup> Primeira menção de Isócrates ao trinômio “experiência, natureza e conhecimento” (na ordem e com os termos que aqui aparece), o qual será mais adiante explorado enquanto base para sua filosofia. A crítica

discursos da mesma forma que o da gramática<sup>15</sup>. Eles não examinam cada um minuciosamente, considerando que serão admirados por causa dos exageros de suas promessas, e que o ensinamento dos discursos parecerá de maior valia. Não percebem que quem torna as artes grandiosas não são aqueles que ousam se vangloriar dessas promessas, mas sim quem for capaz de descobrir tudo quanto há em cada arte.

**11.** Eu antes preferiria que a filosofia tivesse tamanho poder quanto eles afirmam a ter uma enorme quantia em dinheiro, pois provavelmente nós não teríamos sido tão renegados, nem teríamos aproveitado uma parte insignificante dela<sup>16</sup>. Todavia, visto que não é desse modo que ocorre, eu gostaria de cessar o discurso dos que proferem tais asneiras, pois vejo que as difamações surgem não somente contra quem comete erros, mas que são também caluniados todos os demais que dedicam seu tempo a essa ocupação<sup>17</sup>.

**12.** Admiro-me quando os vejo considerarem-se dignos de possuir discípulos, não percebendo que tomam como modelo de prática criativa uma arte ordenada<sup>18</sup>. Pois quem não sabe, com exceção deles, que aquilo que se refere à gramática é estável e permanece o mesmo, de modo que seguimos usando as mesmas regras sempre com relação às mesmas coisas, enquanto ocorre totalmente o contrário com aquilo que se refere aos discursos<sup>19</sup>? Pois o que é proferido por alguém não é igualmente útil para quem venha a falar em seguida, mas parece ser o mais artístico aquele que falar com propriedade dos assuntos em questão e for capaz de descobrir outras coisas diferentes daquelas usadas pelos demais. **13.** E este é o maior sinal da diferença entre as duas artes: não é possível existir belos discursos sem que eles compartilhem daquilo que é oportuno, conveniente e inovador, ao passo que a gramática não precisa de nada disso. Logo, seria muito mais justo que aqueles que se valem de tais modelos pagassem ao invés de receber dinheiro, porque eles intentam educar os demais, quando na verdade carecem de um cuidado maior.

**14.** No entanto, se é preciso não somente acusar os outros, mas também expor a minha própria reflexão, creio que todos os homens sensatos concordariam comigo que muitos dos que se dedicaram à filosofia continuaram sendo homens comuns, ao passo que alguns outros, mesmo sem jamais terem convivido com os sofistas, tornaram-se prodigiosos no discurso e na prática política. Pois a competência discursiva e de todos os outros ofícios se manifesta naqueles que possuem talento natural e praticam a experiência adquirida<sup>20</sup>, **15.** enquanto a educação<sup>21</sup> os torna mais habilidosos e mais engenhosos na atividade investigativa, pois, quando quer que se encontrem errantes em determinadas situações, ela os ensina a prontamente recuperar aquelas qualidades<sup>22</sup>; por

---

aqui consiste no fato de que tais sofistas negligenciam a experiência e o talento (οὔτε ταῖς ἐμπειρίας οὔτε τῆ φύσει) dos discípulos no processo de ensino e aprendizagem oratória.

<sup>15</sup> I.e., das “letras” (γράμματα).

<sup>16</sup> Cf. nota 2.

<sup>17</sup> I.e., à filosofia. Cf. *Antídose* 168.

<sup>18</sup> Cf. PLATÃO, *Protágoras* 326d e ARISTÓTELES, *Refutações Sofísticas* 183b.

<sup>19</sup> I.e., aquilo que se refere à gramática está relacionado sempre a regras fixas e estanques. Os discursos (λόγοι), por outro lado, referem-se ao uso pragmático e público dessas letras, num trabalho de esforço criativo, técnico, artístico e dinâmico da língua.

<sup>20</sup> Isócrates cita esse parágrafo integralmente em seu discurso *Para Felipe* 194. O autor defende aqui que, ainda que não tenham aprendido o conhecimento dos discursos com os sofistas, muitos alunos tornam-se aptos para a vida política quando possuem, por natureza, habilidade para compor discursos. O trinômio já mencionado é aqui retomado: natureza, conhecimento e prática.

<sup>21</sup> É possível afirmar que, quando Isócrates se vale do termo παιδεύσις, ele de algum modo é equivalente ao que o próprio autor já havia declarado como φιλοσοφία. Cf. FLACELIÈRE, 1961, p. 88.

<sup>22</sup> Uma ideia similar está presente no início da *Retórica* de Aristóteles. Cf. MIRHADY & TOO, 2000, p. 64.

outro lado, com relação aos que possuem um talento inferior, ela não poderia torná-los bons competidores<sup>23</sup> ou compositores de discursos<sup>24</sup>, embora pudesse fazê-los progredir e torná-los homens mais inteligentes em muitos assuntos<sup>25</sup>.

**16.** Já que cheguei até esse ponto, quero falar sobre o tema de maneira ainda mais clara. Afirmo, então, que adquirir o conhecimento dos elementos<sup>26</sup> a partir dos quais proferimos e compomos todos os discursos não é tarefa das mais difíceis em absoluto, desde que o sujeito se entregue não para os que fazem promessas com facilidade, mas para aqueles que conhecem alguma coisa a esse respeito<sup>27</sup>. Todavia, escolher os devidos procedimentos para cada assunto; misturá-los uns aos outros e ordená-los sob um determinado critério; não se equivocar quanto às situações oportunas para usá-los; ornar convenientemente o discurso inteiro com raciocínios lógicos<sup>28</sup>; e proferi-lo melodicamente com palavras bem ritmadas; **17.** são esses os pressupostos que precisam de muito empenho e que são tarefa para uma alma viril e opinativa<sup>29</sup>. Ao discípulo, por sua vez, além de possuir o devido talento natural, cabe aprender os procedimentos discursivos e exercitar seu uso<sup>30</sup>, enquanto o professor deve ser capaz de explicar com precisão de modo a não deixar de lado nada do que pode ser ensinado, **18.** e, por fim, de mostrar-se de tal forma como modelo, que os discípulos, os quais são moldados por ele e possuem a capacidade de imitá-lo, pareçam prontamente mais exuberantes e mais graciosos do que os outros quando discursam. Quando tudo isso confluir, aqueles que se dedicam à filosofia alcançarão a perfeição; porém, se algo do que foi elencado for preterido, os discípulos permanecerão necessariamente inferiores nessa disciplina.

**19.** Portanto, dos sofistas que recentemente surgiram e ultimamente têm se dado às charlatanices<sup>31</sup>, não obstante hoje cometam exageros, bem sei que todos se inclinarão a essa proposta. Os demais são aqueles que vieram antes de nós e que tiveram a soberba de escrever as chamadas *Artes*<sup>32</sup>, os quais não devemos permitir que fiquem impunes!

---

<sup>23</sup> O discurso de Cleão, em Tucídides (III, 37-8), refere-se ao debate verbal como uma competição, uma disputa entre dois interlocutores (ἀγωνιστής).

<sup>24</sup> Essa expressão (λόγον ποιητής) ocorre também no *Contra os Sofistas* de Alcídama (I, 4).

<sup>25</sup> Isócrates reforça que ainda que o aluno não possua uma **natureza** propensa à arte dos discursos, a educação que propicie o **conhecimento** e a **prática** podem fazê-los homens mais inteligentes.

<sup>26</sup> O campo semântico do termo ἰδέα em Isócrates é amplo, mas sempre em contextos metadiscursivos: “as formas de discurso”, i.e., “os gêneros”, “as figuras”, “os ornamentos”, “os elementos”, “os tipos”, “as classes”, e, especialmente nesta passagem, os “elementos” ou “procedimentos” discursivos, em sentido genérico, referindo-se tanto a gêneros ou ornamentos de que a composição prosaica pode se valer.

<sup>27</sup> Cf. *Elogio de Helena* 11, e o questionamento de Sócrates para o jovem Hipócrates, antes que este entregue sua alma aos cuidados de Protágoras (PLATÃO, *Protágoras* 311a-b).

<sup>28</sup> Na *Retórica* de Aristóteles, os “entimemas” (ἐνθυμήματα) são definidos tradicionalmente como “silogismos retóricos”.

<sup>29</sup> Cf. PLATÃO, *Górgias* 463a6-8. Nessa passagem, Platão pode estar ridicularizando Isócrates, não aceitando que a retórica seja arte justamente pelos mesmos termos presentes nesse passo do *Contra os Sofistas*. Sócrates afirma que a retórica só necessita de uma alma hábil em conjecturas (i.e., do campo da δόξα), viril, e que, por natureza seja prodigiosa em lidar com os homens. (Δοκεῖ τοίνυν μοι, ὃ Γοργία, εἶναι τι ἐπιτίδευμα τεχνικὸν μὲν οὐ, ψυχῆς δὲ στοχαστικῆς καὶ ἀνδρείας καὶ φύσει δεινῆς προσομιλεῖν τοῖς ἀνθρώποις;).

<sup>30</sup> Novamente o autor descreve aqui o trinômio basilar para sua *paideia*: natureza, educação e experiência. Cf. ISÓCRATES, *Antídose*, 186-191.

<sup>31</sup> ἀλαζονεΐα. O verbo de mesma raiz já havia aparecido no primeiro parágrafo (ἀλαζονεύεσθαι), “vangloriar-se”.

<sup>32</sup> Tais *Artes* (τέχναι) são antigos “manuais de retórica”, compostos pelos antigos sofistas do século V a. C. Aristóteles (*Retórica* I.1 1354b24) também critica as chamadas *Artes* por concentrarem-se apenas sobre o discurso forense. A partir dos trabalhos de Thomas Cole (1991) e Edward Schiappa (1999), passou-se a considerar que essas antigas τέχναι consistem na verdade em seleções de discursos modelares com finalidade epidítico-demonstrativa, deixando de lado a noção de “manuais teóricos” até então aceita

Eles prometeram ensinar a discursar no tribunal, selecionando as expressões mais grotescas<sup>33</sup>, uma prática comum a homens maliciosos, mas não aos defensores desse tipo de educação. **20.** Essa disciplina, enquanto ensinável, não pode ser mais útil para os discursos judiciários do que para todos os demais. E eles se tornaram piores do que aqueles que se dedicam à erística<sup>34</sup>: estes, apesar de debater ninharias, temas que podem ser absolutamente maléficis a quem persistir com essas práticas, prometeram, ao menos, a virtude e a temperança acerca de tais assuntos; aqueles, ao contrário, ainda que tenham exortado os discípulos aos discursos políticos, negligenciaram todos os benefícios inerentes ao gênero, portando-se como professores de intromissão e prepotência<sup>35</sup>.

**21.** Ademais, os que anseiam por obedecer aos preceitos desta filosofia tirariam proveito muito mais rapidamente com relação à idoneidade do que com relação à eloquência<sup>36</sup>. E que ninguém pense que eu afirmo que a justiça pode ser ensinada<sup>37</sup>! Pois considero em absoluto que não há nenhuma espécie de arte que seria capaz de infundir temperança e justiça em quem é por natureza vil com relação à virtude. Penso, porém, que o empenho nos discursos políticos poderia sobretudo instruí-los e ampará-los.

**22.** Portanto, para que não pareça que estou massacrando as promessas dos outros e afirmando mais do que me é possível, creio que eu também poderia esclarecer com facilidade aos demais as razões pelas quais eu mesmo estou convencido de que elas assim são<sup>38</sup>.

---

pela crítica. Os primeiros escritores das *Artes* são Córax de Siracusa e seu pupilo Tísias. Especula-se que sofistas como Antifonte, Górgias, Trasímaco e Polo, mais próximos historicamente de Isócrates, também tenham composto τέχνηαι do gênero. Cf. JEBB, 1876, p. 132-3.

<sup>33</sup> Talvez Isócrates possa ter em mente os termos criticados por Platão no *Fedro* 266e-267a. Cf. MIRHADY & TOO, 2000, p. 65.

<sup>34</sup> Isócrates retoma os sofistas erísticos – criticados dos parágrafos 1 a 8 – para compará-los aqui aos autores de tais *Artes*.

<sup>35</sup> Mesma crítica presente em Aristóteles, *Retórica* 1368b-1369b.

<sup>36</sup> Essa proposição, de certo modo categórica, revela decisivamente a maior preocupação de Isócrates, i.e., a questão moral envolvida no processo pedagógico. Ao longo do *Contra os Sofistas*, o autor nos advertiu que seu método de ensino é diferente daquele proposto pelos sofistas criticados por ele, definido sua *paideia*, enfim, como “filosofia”. Isócrates, portanto, não se propõe a ensinar somente uma correta prática de discursos em sentido técnico, em resposta aos sofistas que ensinam os discursos políticos – criticados entre os parágrafos 9 e 14 –, mas sobretudo a aprimorar moralmente o discípulo, em resposta aos que se dedicam às disputas verbais – os erísticos censurados entre os parágrafos 1 e 8, os quais não estão comprometidos com a verdade e visam apenas a vitória em um debate. É nesse sentido que o autor contrasta os termos ἐπιείκεια (“idoneidade”) e ῥητορεία (“eloquência”), demonstrando que sua maior preocupação educacional reside antes na moral envolvida na prática oratória do que em seus aspectos pragmáticos. Vale salientar que ῥητορεία é aqui um termo genérico, o qual se refere às habilidades técnicas oratórias do cidadão que bem discursa em público, e não deve ser confundido com a ῥητορικὴ possivelmente cunhada por Platão no diálogo *Górgias* para se referir a uma específica disciplina ensinada pelos sofistas. Cf. SCHIAPPA, 1999, p. 155-61.

<sup>37</sup> A questão sobre a possibilidade de ensino de δικαιοσύνη (“justiça”) aparece muitas vezes em Platão. Cf. sobretudo o diálogo *Protágoras* (328d) e o *Mênon*. A posição de Isócrates quanto ao problema é mais clara no discurso *Antídose* 271. Cf. nota 12.

<sup>38</sup> O discurso termina de maneira brusca, e seus manuscritos e edições sugerem que o texto de que dispomos seja fragmentário, i.e., com a provável perda do restante dele a partir daí. Cf. DRERUP, 1906, p. 65. Nesse sentido, conjectura-se que o *Contra os Sofistas* possivelmente não acabasse nesse ponto, pois Isócrates parece introduzir uma nova parte do discurso e que, em seguida, explanaria melhor a respeito de sua própria *paideia* (“...creio que eu também poderia esclarecer com facilidade aos demais as razões...”;...ῥαδίως οἶμαι καὶ τοῖς ἄλλοις φανερόν καταστήσειν.), abandonando o tom crítico inicial, conforme sugere a sentença introduzida pela expressão “Ἴνα δὲ μὴ δοκῶ” no início do parágrafo. Cf. o uso da mesma fórmula no *Elogio de Helena* 15 e no *Evágoras* 9, momentos em que Isócrates também transita, justamente no fim do proêmio, da invectiva para o encômio. Por outro lado, visto que o *Contra*



## ΚΑΤΑ ΤΩΝ ΣΟΦΙΣΤΩΝ

1. Εἰ πάντες ἤθελον οἱ παιδεύειν ἐπιχειροῦντες ἀληθῆ λέγειν καὶ μὴ μείζους ποιῆσθαι τὰς ὑποσχέσεις ὧν ἔμελλον ἐπιτελεῖν, οὐκ ἂν κακῶς ἤκουον ὑπὸ τῶν ἰδιωτῶν· νῦν δ' οἱ τολμῶντες λίαν ἀπερὶσκέπτως ἀλαζονεύεσθαι πεποιήκασιν ὥστε δοκεῖν ἄμεινον βουλευέσθαι τοὺς ῥαθυμεῖν αἰρουμένους τῶν περὶ τὴν φιλοσοφίαν διατριβόντων.

Τίς γὰρ οὐκ ἂν μισήσειεν ἅμα καὶ καταφρονήσειεν πρῶτον μὲν τῶν περὶ τὰς ἔριδας διατριβόντων, οἱ προσποιοῦνται μὲν τὴν ἀλήθειαν ζητεῖν, εὐθύς δ' ἐν ἀρχῇ τῶν ἐπαγγελμάτων ψευδῆ λέγειν ἐπιχειροῦσιν; 2. Οἶμαι γὰρ ἅπασιν εἶναι φανερόν ὅτι τὰ μέλλοντα προγιγνώσκειν οὐ τῆς ἡμετέρας φύσεώς ἐστιν, ἀλλὰ τοσοῦτον ἀπέχομεν ταύτης τῆς φρονήσεως ὥσθ' Ὅμηρος ὁ μεγίστην ἐπὶ σοφίᾳ δόξαν εἰληφώς καὶ τοὺς θεοὺς πεποίηκεν ἔστιν ὅτε βουλευομένους ὑπὲρ αὐτῶν, οὐ τὴν ἐκείνων γνώμην εἰδὼς ἀλλ' ἡμῖν ἐνδείξασθαι βουλόμενος ὅτι τοῖς ἀνθρώποις ἐν τοῦτο τῶν ἀδυνάτων ἐστίν. 3. Οὗτοι τοίνυν εἰς τοῦτο τόλμης ἐληλύθασι, ὥστε πειρῶνται πείθειν τοὺς νεωτέρους ὡς, ἢν αὐτοῖς πλησιάζωσιν, ἃ τε πρακτέον ἐστὶν εἰσονται καὶ διὰ ταύτης τῆς ἐπιστήμης εὐδαιμόνες γενήσονται. Καὶ τηλικούτων ἀγαθῶν αὐτοὺς διδασκάλους καὶ κυρίου καταστήσαντες οὐκ αἰσχύνονται τρεῖς ἢ τέτταρας μῶν ὑπὲρ τούτων αἰτοῦντες· 4. ἀλλ' εἰ μὲν τι τῶν ἄλλων κτημάτων πολλοστοῦ μέρους τῆς ἀξίας ἐπώλουν, οὐκ ἂν ἠμφισβήτησαν ὡς οὐκ εὖ φρονοῦντες τυγχάνουσι, σύμπασαν δὲ τὴν ἀρετὴν καὶ τὴν εὐδαιμονίαν οὕτως ὀλίγου τιμῶντες, ὡς νοῦν ἔχοντες διδάσκαλοι τῶν ἄλλων ἀξιοῦσιν γίνεσθαι. Καὶ λέγουσι μὲν ὡς οὐδὲν δέονται χρημάτων, ἀργυρίδιον καὶ χρυσίδιον τὸν πλοῦτον ἀποκαλοῦντες, μικροῦ δὲ κέρδους ὀρεγόμενοι μόνον οὐκ ἀθανάτους ὑπισχνοῦνται τοὺς συνόντας ποιήσειν. Ὁ δὲ πάντων καταγελαστότατον, 5. ὅτι παρὰ μὲν ὧν δεῖ λαβεῖν αὐτοὺς, τούτοις μὲν ἀπιστοῦσιν οἷς μέλλουσι τὴν δικαιοσύνην παραδώσειν, ὧν δ' οὐδεπώποτε διδάσκαλοι γεγόνασι, παρὰ τούτοις τὰ παρὰ τῶν μαθητῶν μεσεγγυοῦνται, πρὸς μὲν τὴν ἀσφάλειαν εὖ βουλευόμενοι, τῷ δ' ἐπαγγέλματι τάναντία πράττοντες. 6. Τοὺς μὲν γὰρ ἄλλο τι παιδεύοντας προσήκει διακριβοῦσθαι περὶ τῶν διαφερόντων· οὐδὲν γὰρ κωλύει τοὺς περὶ ἕτερα δεινούς γενομένους μὴ χρηστοὺς εἶναι περὶ τὰ συμβόλαια· τοὺς δὲ τὴν ἀρετὴν καὶ τὴν σωφροσύνην ἐνεργαζομένους πῶς οὐκ ἄλογόν ἐστιν μὴ τοῖς μαθηταῖς μάλιστα πιστεύειν; Οὐ γὰρ δή που περὶ τοὺς ἄλλους ὄντες καλοὶ κάγαθοι καὶ δίκαιοι περὶ τούτους ἐξαμαρτήσονται δι' οὐς τοιοῦτοι γεγόνασι.

7. Ἐπειδὴν οὖν τῶν ἰδιωτῶν τινὲς ἅπαντα ταῦτα συλλογισάμενοι κατίδωσιν τοὺς τὴν σοφίαν διδάσκοντας καὶ τὴν εὐδαιμονίαν παραδιδόντας αὐτούς τε πολλῶν δεομένους καὶ τοὺς μαθητὰς μικρὸν πραττομένους, καὶ τὰς ἐναντιώσεις ἐπὶ μὲν τῶν λόγων τηροῦντας, ἐπὶ δὲ τῶν ἔργων μὴ καθορῶντας, ἔτι δὲ περὶ μὲν τῶν μελλόντων εἰδέναι προσποιομένους, 8. περὶ δὲ τῶν παρόντων μηδὲν τῶν δεόντων μήτ' εἰπεῖν μήτε συμβουλεῦσαι δυναμένους, ἀλλὰ μᾶλλον ὁμοιοῦντας καὶ πλείω κατορθοῦντας τοὺς ταῖς δόξαις χρωμένους ἢ τοὺς τὴν ἐπιστήμην ἔχειν ἐπαγγελλομένους, εἰκότως, οἶμαι, καταφρονοῦσιν καὶ νομίζουσιν ἀδολεσχίαν καὶ μικρολογίαν ἀλλ' οὐ τῆς ψυχῆς ἐπιμέλειαν εἶναι τὰς τοιαύτας διατριβάς.

9. Οὐ μόνον δὲ τούτοις ἀλλὰ καὶ τοῖς τοὺς πολιτικούς λόγους ὑπισχνουμένοις ἄξιον ἐπιτιμῆσαι· καὶ γὰρ ἐκεῖνοι τῆς μὲν ἀληθείας οὐδὲν φροντίζουσιν, ἡγοῦνται δὲ

---

*os Sofistas é quase sempre definido como uma espécie de “manifesto”, talvez com o objetivo de trazer jovens discípulos para sua (nova) escola, Sócrates pode ter de fato concluído aqui o discurso, deixando em suspenso os pormenores de sua filosofia, talvez para, a partir daí, expor oralmente seus ensinamentos em suas “aulas”. Cf. TOO, 1995, p. 151-99, e CAHN, 1989, p. 121-144.*

τοῦτ' εἶναι τὴν τέχνην, ἣν ὡς πλείστους τῇ μικρότητι τῶν μισθῶν καὶ τῷ μεγέθει τῶν ἐπαγγελμάτων προσαγάγονται καὶ λαβεῖν τι παρ' αὐτῶν δυνηθῶσιν· οὕτω δ' ἀναισθητῶς αὐτοὶ τε διάκεινται καὶ τοὺς ἄλλους ἔχειν ὑπειλήφασιν ὥστε, χεῖρον γράφοντες τοὺς λόγους ἢ τῶν ἰδιωτῶν τινὲς αὐτοσχεδιάζουσιν, ὅμως ὑπισχνοῦνται τοιοῦτοις ῥήτορας τοὺς συνόντας ποιήσιν ὥστε μηδὲν τῶν ἐνότων ἐν τοῖς πράγμασι παραλιπεῖν.

10. καὶ ταύτης τῆς δυνάμεως οὐδὲν οὔτε ταῖς ἐμπειρίαις οὔτε τῇ φύσει τῇ τοῦ μαθητοῦ μεταδιδόασιν, ἀλλὰ φασιν ὁμοίως τὴν τῶν λόγων ἐπιστήμην ὥσπερ τὴν τῶν γραμμάτων παραδώσειν, ὡς μὲν ἔχει τούτων ἐκάτερον οὐδ' ἐξετάσαντες, οἰόμενοι δὲ διὰ τὰς ὑπερβολὰς τῶν ἐπαγγελμάτων αὐτοὶ τε θαυμασθήσεσθαι καὶ τὴν παιδείου τὴν τῶν λόγων πλείονος ἀξίαν δόξουσιν εἶναι, κακῶς εἰδότες ὅτι μεγάλας ποιοῦσι τὰς τέχνας οὐχ οἱ τολμῶντες ἀλαζονεύεσθαι περὶ αὐτῶν, ἀλλ' οἷτινες ἂν, ὅσον ἔνεστιν ἐν ἐκάστη, τοῦτ' ἐξευρεῖν δυνηθῶσιν.

11. Ἐγὼ δὲ πρὸ πολλῶν μὲν ἂν χρημάτων ἐτιμησάμην τηλικούτον δύνασθαι τὴν φιλοσοφίαν ὅσον οὗτοι λέγουσιν· ἴσως γὰρ οὐκ ἂν ἡμεῖς πλείστον ἀπελείφθημεν, οὐδ' ἂν ἐλάχιστον μέρος ἀπελάυσασιν αὐτῆς· ἐπειδὴ δ' οὐχ οὕτως ἔχει, βουλοίμην ἂν παύσασθαι τοὺς φλυαροῦντας· ὁρῶ γὰρ οὐ μόνον περὶ τοὺς ἐξαμαρτάνοντας τὰς βλασφημίας γιγνομένας, ἀλλὰ καὶ τοὺς ἄλλους ἅπαντας συνδιαβαλλομένους τοὺς περὶ τὴν αὐτὴν διατριβὴν ὄντας.

12. Θαυμάζω δ' ὅταν ἴδω τούτους μαθητῶν ἀξιουμένους, οἱ ποιητικοῦ πράγματος τεταγμένην τέχνην παραδείγμα φέροντες λελήθασιν σφᾶς αὐτούς. Τίς γὰρ οὐκ οἶδεν πλὴν τούτων ὅτι τὸ μὲν τῶν γραμμάτων ἀκινήτως ἔχει καὶ μένει κατὰ ταῦτον ὥστε τοῖς αὐτοῖς ἀεὶ περὶ τῶν αὐτῶν χρώμενοι διατελοῦμεν, τὸ δὲ τῶν λόγων πᾶν τὸναντίον πέπονθεν· τὸ γὰρ ὑφ' ἐτέρου ῥηθὲν τῷ λέγοντι μετ' ἐκείνου οὐχ ὁμοίως χρησίμῳ ἐστίν, ἀλλ' οὗτος εἶναι δοκεῖ τεχνικώτατος ὅστις ἂν ἀξίως μὲν λέγη τῶν πραγμάτων, μηδὲν δὲ τῶν αὐτῶν τοῖς ἄλλοις εὐρίσκειν δύνηται. 13. Μέγιστον δὲ σημεῖον τῆς ἀνομοιότητος αὐτῶν· τοὺς μὲν γὰρ λόγους οὐχ οἷόν τε καλῶς ἔχειν ἢ μὴ τῶν καιρῶν καὶ τοῦ πρεπόντως καὶ τοῦ καινῶς ἔχειν μετάσχωσιν, τοῖς δὲ γράμμασιν οὐδενὸς τούτων προσεδέχθη. Ὡσθ' οἱ χρώμενοι τοῖς τοιοῦτοις παραδείγμασι πολὺ ἂν δικαιότερον ἀποτίνοιεν ἢ λαμβάνοιεν ἀργύριον, ὅτι πολλῆς ἐπιμελείας αὐτοὶ δεόμενοι παιδεύουσιν τοὺς ἄλλους ἐπιχειροῦσιν.

14. Εἰ δὲ δεῖ μὴ μόνον κατηγορεῖν τῶν ἄλλων ἀλλὰ καὶ τὴν ἑαυτοῦ δηλῶσαι διάνοιαν, ἡγοῦμαι πάντας ἂν μοι τοὺς εὖ φρονοῦντας συνειπεῖν ὅτι πολλοὶ μὲν τῶν φιλοσοφῶντων ἰδιῶται διετέλεσαν ὄντες, ἄλλοι δὲ τινες οὐδενὶ πώποτε συγγενομένοι τῶν σοφιστῶν καὶ λέγειν καὶ πολιτεύεσθαι δεινοὶ γεγόνασιν. Αἱ μὲν γὰρ δυνάμεις καὶ τῶν λόγων καὶ τῶν ἄλλων ἔργων ἀπάντων ἐν τοῖς εὐφυέσι ἐγγίγνονται καὶ τοῖς περὶ τὰς ἐμπειρίας γεγυμνασμένοις, 15. ἢ δὲ παιδεύουσιν τοὺς μὲν τοιοῦτους τεχνικωτέρους καὶ πρὸς τὸ ζητεῖν εὐπορωτέρους ἐποίησεν· οἷς γὰρ νῦν ἐντυγχάνουσι πλανώμενοι, ταῦτ' ἐξ ἐτοιμοτέρου λαμβάνουσιν αὐτοὺς ἐδίδαξεν, τοὺς δὲ καταδεεστέραν τὴν φύσιν ἔχοντας ἀγωνιστὰς μὲν ἀγαθοὺς ἢ λόγων ποιητὰς οὐκ ἂν ἀποτελέσειεν, αὐτοὺς δ' ἂν αὐτῶν προαγάγοι καὶ πρὸς πολλὰ φρονιμωτέρως διακεῖσθαι ποιήσειεν.

16. Βούλομαι δ' ἐπειδὴ περ εἰς τοῦτο προῆλθον, εἶτι σαφέστερον εἰπεῖν περὶ αὐτῶν. Φημί γὰρ ἐγὼ τῶν μὲν ἰδεῶν, ἐξ ὧν τοὺς λόγους ἅπαντας καὶ λέγομεν καὶ συντίθεμεν, λαβεῖν τὴν ἐπιστήμην οὐκ εἶναι τῶν πάντων χαλεπῶν, ἢν τις αὐτὸν παραδιδῶ μὴ τοῖς ῥαδίως ὑπισχνουμένοις ἀλλὰ τοῖς εἰδόσι τι περὶ αὐτῶν· τὸ δὲ τούτων ἐφ' ἐκάστῳ τῶν πραγμάτων ἄς δεῖ προελέσθαι καὶ μείξασθαι πρὸς ἀλλήλας καὶ τάξασθαι κατὰ τρόπον, εἶτι δὲ τῶν καιρῶν μὴ διαμαρτεῖν ἀλλὰ καὶ τοῖς ἐνθυμήμασι πρεπόντως ὅλον τὸν λόγον καταποικίλαι καὶ τοῖς ὀνόμασι εὐρύθμως καὶ μουσικῶς εἰπεῖν, 17. ταῦτα δὲ πολλῆς ἐπιμελείας δεῖσθαι καὶ ψυχῆς ἀνδρικήας καὶ δοξαστικῆς ἔργον εἶναι, καὶ δεῖν τὸν μὲν μαθητὴν, πρὸς τῷ τὴν φύσιν ἔχειν οἷαν χρῆ, τὰ μὲν εἶδη τὰ τῶν λόγων

μαθεῖν, περὶ δὲ τὰς χρήσεις αὐτῶν γυμνασθῆναι, τὸν δὲ διδάσκαλον τὰ μὲν οὕτως ἀκριβῶς οἷόν τ'εἶναι διελθεῖν ὥστε μηδὲν τῶν διδακτῶν παραλιπεῖν, περὶ δὲ τῶν λοιπῶν τοιοῦτον αὐτὸν παράδειγμα παρασχεῖν, 18. ὥστε τοὺς ἐκτυπωθέντας καὶ μιμήσασθαι δυναμένους εὐθὺς ἀνθηρότερον καὶ χαριέστερον τῶν ἄλλων φαίνεσθαι λέγοντας. Καὶ τούτων μὲν ἀπάντων συμπεσόντων τελειῶς ἔξουσιν οἱ φιλοσοφοῦντες· καθ' ὃ δ' ἂν ἔλλειφθῇ τι τῶν εἰρημένων, ἀνάγκη ταύτη χειρόν διακεῖσθαι τοὺς πλησιάζοντας.

19. Οἱ μὲν οὖν ἄρτι τῶν σοφιστῶν ἀναφυόμενοι καὶ νεωστὶ προσπεπτωκότες ταῖς ἀλαζονείαις, εἰ καὶ νῦν πλεονάζουσιν, εὖ οἶδ' ὅτι πάντες ἐπὶ ταύτην κατενεχθήσονται τὴν ὑπόθεσιν. Λοιποὶ δ' ἡμῖν εἰσὶν οἱ πρὸ ἡμῶν γενόμενοι καὶ τὰς καλουμένας τέχνας γράψαι τολμήσαντες, οὓς οὐκ ἀφετέον ἀνεπιτιμήτους· οἷτινες ὑπέσχοντο δικάζεσθαι διδάξαι, ἐκλεξάμενοι τὸ δυσχερέστατον τῶν ὀνομάτων, ὃ τῶν φθονούτων ἔργον ἦν λέγειν ἄλλ' οὐ τῶν προεστώτων τῆς τοιαύτης παιδείσεως, 20. καὶ ταῦτα τοῦ πράγματος, καθ' ὅσον ἐστὶ διδακτὸν, οὐδὲν μᾶλλον πρὸς τοὺς δικανικοὺς λόγους ἢ πρὸς τοὺς ἄλλους ἅπαντας ὠφελεῖν δυναμένου. Τοσοῦτ' δὲ χειροῦς ἐγένοντο τῶν περὶ τὰς ἔριδας καλινδουμένων, ὅσον οὗτοι μὲν τοιαῦτα λογίδια διεξιόντες οἷς, εἴ τις ἐπὶ τῶν πράξεων ἐμμείνειεν, εὐθὺς ἂν ἐν πᾶσιν εἴη κακοῖς, ὅμως ἀρετὴν ἐπηγγείλαντο καὶ σωφροσύνην περὶ αὐτῶν, ἐκεῖνοι δ' ἐπὶ τοὺς πολιτικοὺς λόγους παρακαλοῦντες, ἀμελήσαντες τῶν ἄλλων τῶν προσόντων αὐτοῖς ἀγαθῶν πολυπραγμοσύνης καὶ πλεονεξίας ὑπέστησαν εἶναι διδάσκαλοι.

21. Καίτοι τοὺς βουλομένους πειθαρχεῖν τοῖς ὑπὸ τῆς φιλοσοφίας ταύτης προσταττομένοις πολὺ ἂν θάπτον πρὸς ἐπιείκειαν ἢ πρὸς ῥητορείαν ὠφελήσειεν. Καὶ μηδεὶς οἰέσθω με λέγειν ὡς ἔστιν δικαιοσύνη διδακτὸν· ὅλως μὲν γὰρ οὐδεμίαν ἠγοῦμαι τοιαύτην εἶναι τέχνην, ἥτις τοῖς κακῶς πεφυκόσιν πρὸς ἀρετὴν σωφροσύνην ἂν καὶ δικαιοσύνην ἐμπούησειεν· οὐ μὴν ἀλλὰ συμπαρακελεύεσθαι γε καὶ συνασκήσαι μάλιστα ἂν οἶμαι τὴν τῶν λόγων τῶν πολιτικῶν ἐπιμέλειαν.

22. Ἴνα δὲ μὴ δοκῶ τὰς μὲν τῶν ἄλλων ὑποσχέσεις διαλύειν, αὐτὸς δὲ μείζω λέγειν τῶν ἐνόντων, ἐξ ὧν περ αὐτὸς ἐπίσθη οὕτω ταῦτ' ἔχειν, ῥαδίως οἶμαι καὶ τοῖς ἄλλοις φανερόν καταστήσειν.

## REFERÊNCIAS

CAHN, M., *Reading Rhetoric Rhetorically: Isocrates and the Marketing of Insight*, *Rhetorica* 7: 121– 144, 1989.

COLE, Thomas. *The Origins of Rhetoric in Ancient Greece*. Baltimore & London: The John Hopkins University Press, 1991.

DRERUP, Engelbert. *Isocratis. Opera Omnia*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1906.

FLACELIÈRE, Robert. *Isocrate – cinq discours*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

JEBB, Richard Claverhouse. *Selections from the Attic Orators from Antiphon to Isaeus*. London: Macmillan and CO., Limited, 1876.

KENNEDY, George A. *A new History of Classical Rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MATHIEU, Georges & BRÉMOND, A. *Isocrate: Discours*. Paris: Les Belles Lettres, (vol. I, 1929; vol. II, 1938; vol. III, 1942; vol. IV, 1962).

MIRHADY, David C. & TOO, Yun Lee (Vol. I) & PAPILLON, Terry L. (Vol II). *Isocrates: The Oratory of Classical Greece. Michael Gagarin Series Editor*. Austin: University of Texas Press, 2000.

NORLIN, George. *Isocrates, vol. I (1928) & II (1929)*. The Loeb Classical Library, Harvard: Harvard University Press.

ROSA, Lucia Gualdo. *La fede nella paideia: aspetti della fortuna europea di Isocrate nei Secoli XV e XVI*. Roma: Istituto Storico Italiano per il Medioevo, 1984.

SCHIAPPA, Edward. Did Plato Coin Rhetoriké? *American Journal of Philology*, 111, 1990.

\_\_\_\_\_. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven: Yale University Press, 1999.

TOO, Yun Lee. *A Comentary On Isocrates' Antidosis*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

WOLF, Hyeronimus. *Isocratis Opera Omnia*. Basel, 1580.

Data de envio: 12-10-2018

Data de aprovação: 13-11-2018

Data de publicação: 17-12-2018